

A SAGA PENINSULAR NO CANTO DO POETA ITÁLICO MARCON *

Elvo Clemente
Prof. Cat. PUCRS **

A Academia Rio-Grandense de Letras vive uma hora memorável em seus Anais com o ingresso de Itálico Marcon. Tenho a felicidade e a honra de apresentá-lo aos confrades da Casa de Olin-to de Oliveira.

Apresentar alguém já conhecido é tarefa que exige, do apre-sentador, não pequena habilidade para fugir dos lugares-comuns.

Itálico Marcon está entre nós e com ele o mais novo "imortal" de toda a história da Academia Rio-Grandense de Letras.

Longo é o conhecimento do novel ocupante da Cadeira n.º 31, cujo patrono é Paulino de Azurena e cujo último titular foi o sau-doso intelectual e prestimoso amigo Alcides Gonzaga.

Encontramos o jovem Itálico Marcon em 1957 no 2.º semestre do terceiro ano do Curso Clássico do Colégio Nossa Senhora do Ro-sário. Havia um luzidio grupo de rapazes no Grêmio Literário Car-los de Laet. Fora essa agremiação a continuadora da formação co-lhida no Colégio Santo Antônio de Garibaldi e da família Marcon.

Os jovens no convívio das letras sobressaíram e hoje brilham no cenário nacional: Itálico Marcon, Carlos Nejar, Carlos Saldanha Legendre e outros mais. O Grêmio Literário foi a oficina forja-dora da têmpera literária nas linhas severas e abertas do grande patrono.

* Saudação ao Acadêmico Itálico Marcon proferida quando de seu ingresso na Academia Rio-Grandense de Letras, em 18 de março de 1975.

** Professor Catedrático de Língua e Literatura Portuguesa na Pon-tifícia Universidade Católica do RGS.

Em 1960, formou-se o grupo “Nossa Geração”, que durante dois trimestres teve a Página Literária do “Diário de Notícias”. Itálico Marcon com os rodapés de crítica e Carlos Nejar com a poesia eram os sustentáculos de “Nossa Geração”. Depois os caminhos do Ministério Público afastaram por longos períodos as presenças físicas, o convívio amigo.

A chama da arte, porém, continuava; continuavam as publicações.

Em 1965 aparece “O Universo Poético de Mansueto Bernardi”, ensaio literário, com biobibliografia e antologia do poeta de “Terra Convalescente”.

Em 1968 e 1969 sucederam-se outros ensaios: “Guilhermino César ou da Poesia Áspera, Vivida e Desolada”, “Poética de Carlos Nejar” e “Poesia e Humanismo”.

Em 1969, surge “Tempo de Exílio”, poesia, editado pela Livraria Sulina Editora na prestigiosa Coleção “Poetas de Hoje”, cuja denominação e iniciativa de publicação pertencem a Itálico Marcon, sucedendo, em 1971, “A Deriva do Homem”, crítica literária, e “Ave de Rapina”, poesia.

Nos últimos quatro anos a produção literária de Itálico Marcon orientou-se para a crítica e para o ensaísmo, maiormente através de revistas e jornais de Porto Alegre, do País e do Estrangeiro, salientando-se a sua pesquisa, iniciada antes de 1960, sobre o Modernismo do Rio Grande do Sul e o poeta Tyrteu Rocha Vianna, cuja “descoberta” e justa valorização se devem a Itálico Marcon.

Desde 1974 vem dedicando o melhor de seus esforços à edição de trabalhos inéditos ligados ao Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul.

A produção cultural de Itálico Marcon abrange, pois, a crítica literária, o ensaio histórico e a poesia. Nas três formas encontramos a mesma pessoa desdobrando facetas diversas.

Às vezes, estaríamos inclinados a considerá-lo antes crítico que poeta; outras vezes domina o poeta. Mas sempre encontramos o artista da palavra. Sempre temos o criador, quer na inspiração livre, quer na apreciação de obras existentes.

Em tudo há poesia, há humanismo, há história de gerações em busca de sua identidade e de sua “circunstância histórica”.

Vejam os momentos desta saudação — o homem, o crítico/ensaísta e o poeta.

O HOMEM

O dealbar dos festejos do Centenário da Imigração Italiana em

nosso Estado coincide com a abertura solene dos trabalhos da Academia Rio-Grandense de Letras.

Itálico Marcon, filho de imigrantes, experimentou na terra de Garibaldi o sabor amargo da saga dos heróis que desbravaram essa vasta e produtiva região. Tem a experiência da dor e das lágrimas no amanho da terra, amalgamando o suor, as lágrimas ao solo que brota em flores e frutos.

“Tempo de Exílio”, exemplificando, conjuga as raízes itálicas e as raízes sul-rio-grandenses nos vales e montes do Município de Garibaldi. O culto e o cultivo das origens, aliás, é uma constante de seus estudos, de seus esforços e de suas lutas.

Itálico Marcon conquistou um lugar de destaque no Ministério Público do Estado. Participa como força viva do Centro Cultural Italo-Brasileiro “Dante Alighieri”, do Círculo de Pesquisas Literárias de Porto Alegre (CIPEL) e da Comissão Executiva do Centenário da Imigração Italiana.

A ascensão na vida cultural do Estado significa soma de esforços, de diuturno trabalho e de incansável batalhador. Na pessoa de Itálico Marcon vejo simbolizada a vitória dos pioneiros vindos do Vêneto, ou da Lombardia, que se fixaram há cem, há cinquenta ou há vinte anos no nordeste do Rio Grande do Sul.

O trabalho, a fé, a constância e a esperança foram as forças que desenvolveram a nova cultura neste Brasil. Nova civilização, sem dúvida, amalgamada com a força da tradição e da cultura e da língua que os povoadores vindos das ilhas e do Continente da Terra lusitana souberam implantar nos campos da Vacaria, na Serra, ou nas areias do Rio Grande ou nas planícies de Porto dos Casais ou na gleba de Viamão ou de Rio Pardo.

Recordo neste momento a energia inquebrantável de tantos heróis anônimos que trabalharam, que transformaram essas regiões em cidades, em campos cultivados, em indústrias para que os sul-rio-grandenses de 1975 tivessem esta era de progresso e de desenvolvimento.

Isto tudo recordamos e reverenciamos nesta ocasião em que vemos um filho de imigrantes adentrar a Casa de Olinto de Oliveira, como símbolo da vitória de tantos outros que nós temos e não tiveram para a sua satisfação uma noite de luzes como esta.

O CRÍTICO E O ENSAÍSTA

Itálico Marcon entrou no mundo das letras pela porta da crítica e do ensaio “O Universo Poético de Mansueto Bernardi”.

Antes dessa publicação formal, ainda temos a presença do crítico literário no extinto "Jornal do Dia" e nos rodapés do "Diário de Notícias", com a "Nossa Geração".

"O Universo Poético de Mansueto Bernardi" mereceu as seguintes palavras de Pedro Vergara: "nestas páginas desponta um crítico da mais legítima autenticidade, estuante de impulsos para o conhecimento e à verdade; um espírito vigoroso, armado de um desejo profundo de ver e de sentir, e para o qual se devem dirigir, desde já, as atenções da vida literária, nacional e rio-grandense".

As referências de Pedro Vergara sobre "Uma Geração Exemplar", que tanto deu ao Rio Grande do Sul em Literatura e Crítica, quisera aplicá-las à Geração de 1960/1965 (Itálico Marcon, Carlos Nejar, Carlos Saldanha Legendre), que hoje com todo o vigor está levando para diante as nossas letras. Os jovens de 1960/1965 são hoje homens maduros na vida pública do Estado e do País e renovadores da vida literária brasileira.

A vocação para a crítica não esmoreceu em Itálico Marcon o sortilégio da poesia. Aliás, não há hierarquia de gêneros literários. Não há gêneros com situação privilegiada ou gêneros pobres. O gênero literário é uma classificação da obra ou uma opção a mais para o artista. Quem dá força ao gênero é o artista. Por isso a vocação para a crítica de Itálico Marcon tão bem iniciada, deveria ser continuada, pois a sua índole, a sua natureza, a sua cultura e a sua sensibilidade lhe dão tantos motivos para tal.

Os modelos críticos italianos formaram-lhe uma visão aberta do perceber do fenômeno poético. Sabe captar o âmago da obra como soube realizar no primeiro artigo de a "Poética de Carlos Nejar". A sensibilidade e a intuição são os instrumentos do território sagrado da obra literária. Embora possa utilizar um método científico para a tarefa preparatória, para o método da descoberta, para as análises, deverá recorrer à sensibilidade e à intuição em suas sínteses. Aí o artista encontra-se com o artista. O bisturi do cientista, o escalpelo do analista devem cair na mesa de trabalho para dar lugar ao contato de outros instrumentos indizíveis criados do fazer poético. É o momento do fascínio poético como nos diz Pierre Dufayet em sua obra — "Le Comment de la Poésie" (Paris, 1973).

Em "A Deriva do Homem" Itálico Marcon faz novamente crítica repassando poetas, críticos e filósofos (Heidegger, José Salgado Martins, Ivan Lins). O crítico vai sereno em seu caminho,

analisando e apreciando os trabalhos e recriando o mundo poético de Benedito Hespanha, Pedro Vergara e Cecília Meireles nos "Poemas Italianos".

A constância das raízes peninsulares está à flor da pele.

O POETA

Além de poemas esparsos ("Colóquio/Letras", Lisboa, Portugal), Itálico Marcon tem dois livros de versos: "Tempo de Exílio", 1969, e "Ave de Rapina", 1971.

É o artista em busca de sua origem histórico-telúrica que regressa às paragens da Península milenar, vai aos vinhedos dessa colônia italiana, cava a terra de seus pais e perde-se no ambiente da infância, na simplicidade e na retrocontemplação.

Penetra o mistério das coisas campesinas, onde encontra o afeto estimulador da existência; o amor e a amizade dão-lhe forças para adentrar mais e mais o mistério e ei-lo a debater-se nas ondas longas do tempo em que se encontra exilado, desterrado da terra prometida de uma felicidade que lhe sorri na lonjura do horizonte.

"Tempo de Exílio", poesia sofrida, dum pulso febril em busca da forma que se substancializa no concatenar dos versos. A linguagem castigada e franca, clara e envolvente, amolda a idéia, o sentimento no poema que brilha, que sofre; que cintila e se angustia.

"Tempo de Exílio", livro novo para um mundo em renovação que cada dia amanhece de novo. Poética nova sem esnobismos de vanguarda, poética nova sem os arroubos narcísicos de certos inovadores; poética nova, com os temas eternos que fluem e refluem em cada geração. Poética de problemas, antenada no tempo e na história, de homem que se angustia no mundo desmantelado.

"Tempo de Exílio" é uma conclamação para redescobrir o mundo da arte literária tão válido hoje, como nos tempos de Dante e de Camões; de Petrarca, de Fernando Pessoa; ontem, hoje e sempre o poeta é um exilado do mundo e de si mesmo; que se busca, que busca o outro, encontrando-o e encontrando-se nas casilhas das rimas das cadências de um punhado de versos.

"Ave de Rapina" continua os mesmos trilhos de poesia e de revelação do homem da terra. Procura penetrar o mistério da "Estação das Uvas", vindimando os melhores cachos para conseguir o melhor vinho. O vinho jorra generoso:

"que quanto mais se bebe
mais sabe a vinho mesmo,
purifica e aquece."

Volta-se para “Apenas Homem” e aí desvenda o que está escondido em cada ser.

O mistério tira o véus e vai-se desvelando para o encanto do artista e dos leitores:

“Falo da vida
e do que me cabe:
o homem, minha linguagem.”

O poeta encontra a incógnita de si mesmo, a incógnita de ser homem/limite:

“Janela aberta para a noite:
pedaço de horizonte
revivido na lembrança.
Grito
este grito
nascido na garganta
que se retrai
e consente.
Outro grito responde
e se cala.”

Tenta explicar o acontecer poético, a vida do poema, a mensagem:

“Palavra por palavra
reinventas a linguagem
do homem, sua saga.”

O poeta preocupa-se em tornar o seu poema a cartilha de todos, quer que a sua mensagem atravessasse as geografias e as galáxias:

“O problema do poema
(o seu único problema)
é torná-lo ecumênico:
discurso legível
e cartilha acessível
a todos os homens,
de agora e de sempre.”

“Ave de Rapina” está carregada de humanismo e de profundas preocupações sobre a vida e os mistérios da existência.

Por vezes o filósofo toma o lugar do poeta, o inquieto indagador toma conta do poema.

Itálico Marcon, confrade da Academia Rio-Grandense de Letras é o homem forjado no sofrimento, na luta de cada dia, em busca da sua valorização pessoal para repartir com os outros os valores conquistados.

É o ágil na tradição dos modelos italianos, na estrutura dos modelos nacionais.

É o poeta de "Tempo de Exílio" e de "Ave de Rapina" que vem à Casa de Olinto de Oliveira, para participar da revalorização da poesia nestes dias do domínio da tecnocracia. Para a revalorização do homem, nos dias da criação dos robôs, para a revalorização do humanismo nos dias da dessacralização em que o homem se esquece do seu endereço para a Casa do Pai.